

## RAZÃO E APOLOGÉTICA NO ARGUMENTO DA APOSTA DE PASCAL

**Felipe Fernandes**

Graduando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

felipefernandesfc@gmail.com

**Resumo:** O fragmento intitulado *Infinito*, aonde encontramos o famoso argumento da Aposta, é talvez o fragmento que melhor sintetiza o sentido da apologia que Pascal pretendia realizar nos *Pensamentos* e a forma de que ele se utiliza da razão para guiar o incrédulo a buscar a fé cristã. A razão parece fornecer somente uma orientação prática ao homem. Impossibilitado de determinar com certeza a existência divina, Pascal pretende demonstrar por meio do cálculo de probabilidade como a aposta cristã é a mais razoável e rentável para o incrédulo. Assim, a argumentação de Pascal visa garantir que o incrédulo faça tudo o que for possível para adquirir a fé, caso estivesse entre os desígnios de Deus infundir-lhe essa graça.

**Palavras-chave:** Pascal, razão, apologética, aposta, probabilidade.

A leitura da obra de Pascal apresenta algumas dificuldades, e talvez a maior delas seja estabelecer um ponto de partida para sua análise e interpretação, ou seja, entender o que pretende Pascal com sua escrita. Tomando por base os *Pensamentos*, sem dúvida sua obra mais conhecida, podemos ver claramente essa dificuldade, uma vez que aquilo que conhecemos por *Pensamentos* é o resultado da edição dos rascunhos que deveriam compor a chamada *Apologia da Religião Cristã*, projeto deixado inacabado por Pascal, que faleceu antes de seu término. Da reunião dos rascunhos deixados surgiram os diversos fragmentos que compõem os *Pensamentos*, e desde suas primeiras edições muitos estudiosos debateram acerca da ordem em que os fragmentos deveriam ser apresentados, sendo que cada ordem apresentada seguia uma linha de interpretação defendida pelo estudioso. Dentre as edições que gozam de maior autoridade, destacamos as de Jacques Chevalier, de Louis Lafuma e de Léon Brunschvicq. A intenção inicial de Pascal de escrever uma defesa do cristianismo ao menos nos indica que independentemente da edição que organiza a ordem de fragmentos dos *Pensamentos*, devemos certamente entender que a obra completa se trata de uma apologética, e, acima de tudo, de um pensamento entregue ao cristianismo. E qual seria o sentido dessa apologética que Pascal pretende realizar?

Uma apologia obviamente tem em vista a conversão por meio de argumentos lógicos que defendam a doutrina da religião cristã. Entretanto, Henri Gouhier em *Blaise Pascal: conversão e apologética* comenta que somente cabe a Deus a conversão e que a função de Pascal só poderia ser a de uma aproximação entre o leitor e a conversão. Influenciado pela leitura jansenista da doutrina da graça de Agostinho, Pascal não poderia escrever uma apologia esperando que esta garantisse a conversão de outrem, e de fato ele não pretende isso – ele pretende que seus escritos sirvam como um incentivo à busca por Deus, uma vez que todo homem é capaz de sua graça. O que veremos Pascal fazer é encontrar instrumentos na razão e em um certo desejo de felicidade para mostrar que a religião é “amável” (GOUHIER, 2005, p. 169). Pascal entende que os homens desprezam a religião, assim como a odeiam e temem que ela seja verdadeira, o que é motivo de seu distanciamento. A apologia pascaliana se guiará por tentar resolver esses problemas mostrando que a religião não é contrária à razão e que pode ser “venerável, porque conheceu bem o homem; amável, porque lhe promete o verdadeiro bem” (PASCAL, 1984, fr. 187/12, p. 83)<sup>1</sup>.

O famoso argumento da Aposta é provavelmente aquele que melhor sintetiza o sentido apologético que acabamos de delinear, assim como é um fragmento riquíssimo por conter ainda a marca da experiência intelectual de Pascal. Uma breve análise desse argumento pode clarificar a maneira com que Pascal se utiliza da razão para guiar sua função apologética e aproximar a existência do incrédulo à “amável” vida cristã, tentando “conduzir o incrédulo até o ponto que este fará tudo o que depende dele para adquirir a fé, caso estivesse entre os desígnios de Deus infundir-lhe essa graça” (LEBRUN, 1983, p. 104).

O argumento da Aposta está presente no fragmento intitulado *Infinito. Nada* (PASCAL, 1984, fr. 233/418, p. 94-97). Esse título já revela um contraponto essencial do argumento e da filosofia de Pascal como um todo, a saber: entre as coisas finitas e o infinito, sendo as coisas finitas aniquiladas e tornadas um puro nada perante a grandiosidade do infinito. Tal deve ser a diferença entre a finitude do nosso espírito e as coisas mundanas perante a infinidade de Deus. O nosso espírito pode naturalmente entender que há um infinito, embora não tenhamos certeza de sua natureza. Do mesmo

---

<sup>1</sup> Para citarmos os fragmentos dos *Pensamentos*, utilizaremos ambas as edições Brunschvicq e Lafuma, citadas nessa ordem e separadas por barra. Adicionaremos ainda a paginação presente na coleção *Os Pensadores* de 1984 referente ao fragmento em questão, lembrando que ela se utiliza da ordenação de Brunschvicq dos fragmentos.

modo, podemos conceber a existência infinita dos números, admitindo que há o infinito em número, porém, não temos claro do que se trata o infinito em número: seria ele um número par ou ímpar? Esse argumento de Pascal demonstra o constrangimento da razão, que é incapaz de determinar a natureza do infinito matemático lidando apenas com números finitos, o que não representa a impossibilidade da infinitude. Verificamos uma semelhança entre esse problema de definição da natureza do infinito e a análise da existência divina, uma vez que podemos reconhecer que há um Deus sem se saber o que é. Para Gérard Lebrun na obra *Blaise Pascal* (LEBRUN, 1983, p. 107), se tratando da natureza de Deus, a razão nem chegaria a se constranger, citando o próprio Pascal:

Conhecemos a existência do infinito e ignoramos a sua natureza, porque tem extensão, como nós, mas não limite como nós. Não conhecemos nem a existência nem a natureza de Deus, porque não tem extensão nem limites (PASCAL, 1984, fr. 233/418, p. 94).

“Incompreensível? Nem tudo que é incompreensível deixa de existir” (PASCAL, 1984, fr. 430/149-230, p. 141). Nesse ponto, a apologia e a epistemologia se juntam, pois a tarefa de ambas é convencer o incrédulo de que o incompreensível não é absurdo (LEBRUN, 1983, p. 46). Importante notar como Pascal concebe que o quase nada da existência humana do ponto de vista não somente existencial, mas também epistemológico, pode colocar-se como uma barreira à conversão. Nossa natureza finita e extensa nos impede de conhecer a existência e a natureza de Deus, que é tão distinta de nossa condição – infinita e de extensão ilimitada. Nesse sentido, Pascal realiza uma severa crítica àqueles pensadores que pretendem provar racionalmente a existência divina, como Descartes.

Deus não pode ser assim conhecido porque se encontra “escondido”, e todo seu desvelamento se mostra como um enigma a resolver. Os incrédulos se encontram nesse estado onde não se tem luz nenhuma, ou talvez uma luz incerta demais, onde se tem muito a negar e pouco a assegurar, estado que para Pascal é de uma dúvida insuportável (PASCAL, 1984, fr. 227/2 e 3; fr. 228/244; fr. 229/429, p. 93). Para Lebrun, o Deus escondido é útil apologeticamente, pois o apologeta mostra que, se a incerteza insuportável demonstra que Deus não é legível como um livro aberto, não se trata de uma situação em que ou se pode conhecer plenamente Deus ou nada se pode afirmar sobre sua existência. A forma como ele se mostra de maneira indeterminada só justifica

a necessidade do incrédulo de não recriar o estado de incerteza em que se encontra, e esforçar-se em buscar a Deus de todo o coração. Eis já a intenção apologética de Pascal em movimento, instigando o não cristão a movimentar-se em direção à fé e garantindo pela prática da religião cristã o que não pode ser determinado na teoria (LEBRUN, 1983, p. 101-103). Como cita Leopoldo e Silva:

O fato de que o homem não pode saber “por si mesmo” se as marcas são ou não são de Deus deveria ser motivo suficiente para a aceitação da “autoridade” divina. É por isso que as marcas, enquanto “provas”, são muito mais para serem sentidas do que conhecidas. Mas como “saber” algo acerca de Deus é idêntico a aproximar-se dele, pois o horizonte desse saber é a reunião com Deus, o sentimento que se manifesta como desejo do infinito é mais pertinente do que o conhecimento, e o coração é em nós a faculdade “capaz” desse sentimento. E é esse sentimento que a Apologia pretende despertar ou redespertar (LEOPOLDO E SILVA, 2001, p. 39).

Deus escondido estabeleceu sinais para que somente aqueles que o procuram de coração possam encontrá-lo. Pascal quer que o incrédulo busque a Deus de coração, pois somente pela fé podemos efetuar esse salto e conhecer sua existência, assim como pela glória a sua natureza – eis o sentido da conversão, só realizável por Deus. Contudo, perante a luz natural a fé como argumento parece não oferecer muito conforto àqueles que não são cristãos. Se de fato a razão praticamente nada nos diz acerca da existência de Deus, os incrédulos julgam que não se deve então tomar partido quanto a sua existência, e, assim, ser indiferente a assuntos religiosos e à sua salvação. Entretanto, se é seguro que na hora da morte ou nos encontraremos com o nada, ou com um Deus irritado, não apostar não parece ser pela luz natural uma resposta mais segura. Que fazer, então?

Os incrédulos então continuariam sua vida cotidiana entre negócios e prazeres. Pascal se questiona sobre essa atitude porque sabe que a indemonstrabilidade da existência de Deus não diminui o interesse na questão. A imortalidade da alma é algo que deve interessar a todo homem, a tal ponto que somente alguém sem qualquer sentimento poderia ser indiferente a essa questão. Perante a certeza da morte e do perecimento de tudo o que existe, não há para Pascal outro bem do que a esperança em outra vida. “Para onde eu olho só vejo incertezas, e tudo que sei é que logo morro, embora não saiba para onde eu vou – se cairei para sempre no nada, ou nas mãos de um

Deus irritado. Eis meu estado cheio de incerteza e fraqueza” (PASCAL, 1984, fr. 194/427 e 432, p. 84-89). Se parece haver duas possibilidades ruins, a saber, do nada ou do Deus irritado, como podemos não investigar o que nos deverá acontecer?

Pascal em dois fragmentos compara essa situação à de um homem preso que é condenado à morte em meio a tantos outros condenados igualmente, sendo que diariamente alguém é degolado, fazendo o preso contemplar tristemente e sem esperança essa situação constante em que ele vê sua própria condição, aguardando sua vez chegar. O homem que não se interessa pelas condições da sua salvação e da sua danação é como o presidiário que, sem saber se sua sentença foi pronunciada, e tendo muito pouco tempo para sabê-lo e tentar revogar a sentença, prefere empregar seu tempo em jogar cartas a buscar informações sobre sua condição (PASCAL, 1984, fr. 199/434 e fr. 200/163, p. 90). Pascal considera a atitude menos razoável aquela de quem permanece indiferente à sua salvação, pois isso garante de fato a pior sentença: sua eterna danação.

Essa condição de uma condenação não assegurada e essa incerteza insuperável sobre sua morte ou não deveriam ser a fonte da pior angústia no incrédulo. O mais comum aos homens é que só aquilo que seja certo seja digno de interesse e muito poucas vezes consideram as possibilidades, sendo o provável quase sinônimo de duvidoso, o que difere da opinião de Port-Royal, onde, segundo Lebrun, “o provável é uma categoria fundamental” (LEBRUN, 1983, p. 109). Aí vemos a crítica pascaliana a Descartes que descarta o provável no ramo do saber, o que para Pascal seria apenas uma forma de saber diferente:

Se somente se devesse fazer alguma coisa com certeza, nada se deveria fazer pela religião, pois ela não oferece certeza. Mas quantas coisas se fazem na incerteza: viagens marítimas, batalhas! Digo, portanto, que não se deveria fazer absolutamente nada, porque nada é certo... (PASCAL, 1984, fr. 234/577, p 97-98).

No cartesianismo admite-se que o provável seja levado em consideração, no máximo, quando for preciso agir rapidamente, e que nesse caso devemos agir como se nossa escolha não fosse incerta, mas muito verdadeira e certa. Para a lógica de Port-Royal, a chance de sucesso ou insucesso é que determina quão razoável é uma decisão, e para tanto é mais certo que devamos nos guiar pelo mais provável; veremos Pascal

justamente se utilizar da probabilidade matemática para mostrar ao incrédulo que é extremamente razoável apostar. Vale ressaltar que o desenvolvimento inicial da probabilidade deve muito à Pascal, que foi um dos primeiros a pesquisar esse tipo de operação. A utilização da aposta como forma apologética certamente sofreu influência do período em que Pascal frequentou estabelecimentos mundanos e desfrutou da companhia dos chamados *honnêtes hommes*. Após sua morte, houve tentativas de mudar o tom de sua escrita polêmica, assim como apagar da sua história o período de frequência mundana, a começar por sua irmã, Mme. Périer, que pretendia salvá-lo de seus abusos e garantir um bom enterro cristão. No entanto, pelo argumento da aposta entendemos como é importante cada uma das qualidades de Pascal – filósofo, cientista, homem do mundo, polemista e cristão fervoroso – para a realização da sua tarefa apologética de “falar com os não-cristãos sobre a pertinência da religião e a necessidade (e razoabilidade) de buscar a fé” (OLIVA, 2012, p. 25-26). Assim, Lebrun considera que Pascal toma o jogo de azar como modelo da existência não somente para lisonjear a paixão de alguns amigos seus; a análise probabilística pode ser uma ferramenta essencial para guiar o juízo dos homens. O provável para Pascal é mais que uma noção psicológica, é uma norma que garante chance maior de sucesso numa configuração incerta.

Apesar dessas considerações, o incrédulo critica a existência do cristão que vive no temor ao inferno, em um desprazer que parece não ser compensado por uma esperança incerta, uma vez que o incrédulo, segundo Pascal, tem sempre a certeza da danação “fazendo a escolha de não escolher”, enquanto o cristão tem uma chance ao menos. Nas palavras de Pascal: “Quem tem mais razões para temer o inferno? Quem ignora a existência de um inferno e tem a certeza da danação caso ele exista, ou quem está mais ou menos persuadido da existência de um inferno e tem esperança de ser salvo?” (PASCAL, 1984, fr. 239/748, p 98). Ou seja, se nesse ponto o incrédulo considera mais certo em nada acreditar já que não há certeza da existência divina, o que para Pascal é um pensamento de uma racionalidade insana, pois, julgando não apostar em nada, o incrédulo já estaria apostando, e nesse caso apostando na não existência de Deus. Como não podemos suprimir a aposta e de certa forma somos obrigados a jogar, vale a pena examinar aquela que seja mais vantajosa de ponto de vista racional, mesmo para aquele que se mostra desinteressado pela questão.

Lebrun demonstra bem como Pascal elucida a questão de “qual seria a posta mais vantajosa” apresentando o argumento das “regras dos partidos” ou “o partido”, que permite resolver o que deve ganhar cada jogador quando resolvem parar uma aposta antes de seu término (LEBRUN, 1983, p. 112). Como antes do término de uma partida não há ganhadores, mas é possível haver certa vantagem aparente para um dos dois lados, aquele com mais vantagem e assim mais próximo da vitória deve receber uma quantia maior do valor apostado, pois não parece justo ambos irem embora com a mesma quantia que chegaram, uma vez que um deles estava mais próximo de ganhar e obter o valor total da aposta. Interessa-nos aqui observar que a intenção desse cálculo não é a de verificar quem de fato ganharia, mas sim quem tinha mais chances, ou quem mais rápida e facilmente ganharia o jogo: trata-se de uma esperança matemática – e é justamente aí que há uma semelhança com a condição da existência humana para Pascal. Assim como o jogo teve de terminar antes que algum jogador de fato o tivesse ganhado, a morte pode chegar de forma imprevista, sem que estejamos prontos. É como se a cada momento em nossas vidas esse cálculo da chamada “esperança matemática” se realizasse, verificando as chances de salvação que possuímos. De novo, não se trata de saber qual aposta (viver ateu ou cristão) é a correta, mas antes disso, de considerar qual é a que possui mais chances de felicidade. Assim, a questão que aí se coloca é justamente a de que, dada a incerteza, deve-se determinar quais são as esperanças de cada jogador e qual comportamento é mais razoável ou mais rentável. Isso na prática compele ao homem: perante a tantas incertezas verificar qual comportamento é mais razoável, qual é aquele que traz mais esperança de algum ganho. E não percamos tempo em apostar, pois nunca se sabe quando a morte virá, o que exterminaria qualquer possibilidade de aposta e qualquer chance de salvação.

Todo incrédulo compreende ao menos duas coisas: que sua razão busca o verdadeiro e que sua vontade busca a felicidade. Dessa forma, nas palavras de Pascal: “Tendes duas coisas a perder: a verdade e o bem; e duas coisas a empenhar: vossa razão e vossa vontade, vosso conhecimento e vossa beatitude; e vossa natureza tem que fugir de duas coisas: o erro e a miséria” (PASCAL, 1984, p. 95). Aquele que almeja a verdade e o bem contra o erro e a miséria corre o risco de não obtê-los, empenhando em vão sua razão e sua vontade. Mas uma vez que somos obrigados a escolher entre a vida mundana ou a cristã, a razão não se sentirá ofendida por escolher uma ou outra, o erro não deve ser preocupação, muito menos sabendo que nossa razão nada nos garante na

certeza da existência ou inexistência de Deus. Quanto à nossa vontade e nossa beatitude, nada perdemos em apostar: se estivermos certos, ganhamos tudo, e se estivermos errados, não perdemos nada.

Após essa exposição, o incrédulo não parece tão certo de que de fato nada perdemos quando apostamos na existência divina, porque ele julga que aposta muito, já que se trata de renunciar aos prazeres mundanos, renunciar a tudo aquilo que ele provavelmente conhece como vida. Pascal pretende ao fim de sua argumentação demonstrar que na verdade não se aposta muito ao sacrificar os prazeres de uma vida finita. Para tanto, devemos deixar de lado por enquanto a infinitude da felicidade eventual, e verificar então jogadas finitas em que há chance de perder ou ganhar. Devemos sempre agir de forma a maximizar nossas chances de vitória, o que de fato parece muitíssimo razoável perante a luz natural – assim, para Pascal é razoável apostar uma vida quando se pode ganhar duas ou três. Se o acaso entra por igual no ganho ou na perda, é sensato apostar uma vida para ganhar duas, e se houvesse três vidas a ganhar, seria mais prudente ainda realizar essa aposta, já que somos obrigados a apostar. Pascal releva que “há uma eternidade de vida e de felicidade” (PASCAL, 1984, fr. 233/418, p. 95), e sendo assim, mesmo só tendo um caso a nosso favor em uma infinidade de probabilidades, é razoável apostar um para ter dois. Sendo obrigado a jogar e tendo a possibilidade de ganhar uma infinidade de vida infinitamente feliz, mesmo em uma infinidade de acasos onde só uma é favorável, é justo apostar uma vida para ganhar três, e mais certo ainda se aquilo que apostamos é contra o número finito de probabilidades de perda.

Temos uma vida finita, o que praticamente nos obriga a apostá-la por uma infinidade de vida infinitamente feliz, mesmo se as chances são poucas. Uma objeção ainda é possível: há uma certeza de perda dos prazeres mundanos dessa vida finita e, no entanto, uma incerteza da vida eterna; há uma distância infinita entre essa certeza e a incerteza da aposta. O que Pascal pretende mostrar é que em uma aposta arrisca-se sempre uma quantia finita por um ganho finito que é incerto, sempre se aposta o certo pelo incerto, e isso sem pecar contra a razão. É por isso que a análise de probabilidade é de suma importância, uma vez que ela guia o jogador a realizar a aposta que, mesmo sendo incerta, parece a mais razoável e rentável. E não há uma distância infinita entre uma quantia certa e um ganho incerto, há de fato essa distância infinita entre a certeza

de ganhar e a certeza de perder, não sendo esse o caso aqui, pois há uma certeza relativa de ganhar e uma certeza relativa de perder.

Mesmo todos esses esforços apologéticos de Pascal não convencem o libertino, que desconsidera os cálculos e chances matemáticos lhe perguntando: “que queres que eu faça se me forcem a apostar, mas sou feito de tal maneira que não posso crer?” (PASCAL, 1984, fr 233/418, p. 96-97). Para Pascal é essencial saber de onde vem essa impotência para crer. Se pelo uso da razão o libertino ou incrédulo demonstra tamanha resistência e não é levado a apostar senão da boca para fora, a origem desse comportamento deve ser relacionada, segundo Pascal, ao apego do libertino ao finito: suas paixões são o motivo de sua recusa. A impotência em crer serve para compreendermos a origem passional da recusa à aposta, pois a resistência carnal não teria nada de racional. Esse ponto é extremamente importante, pois depois de mostrar que a razão não pode garantir nenhuma certeza do ponto de vista teológico, mas pode garantir do ponto de vista prático que comportamento é aquele mais interessante para a existência humana, Pascal configura que a dificuldade em aceitar esse direcionamento só poderia então ser de origem passional: a valoração exagerada dos prazeres humanos não permite ao incrédulo utilizar seu julgamento racionalmente. Qual deverá ser o próximo passo, então?

Para concluir o texto e sua função (que se trata de uma apologia), Pascal recomenda então trabalhar na diminuição dessas paixões, uma vez que as provas racionais nada ajudam. Trata-se claramente de uma questão mais prática que teórica:

Não demoraria em abandonar os prazeres’, dizem ‘se tivesse fé.’ E eu vos digo: ‘Não demorieis em ter fé, se houvésseis abandonado os prazeres’. Ora, cabe-vos começar. Se pudesse, eu vos daria a fé; não o posso fazer nem, portanto, sentir a verdade do que dizeis. Mas vós podeis abandonar os prazeres e sentir se o que digo é verdadeiro (PASCAL, 1984, fr. 240/816, p. 98-99).

A prática e o exercício da fé podem demonstrar como essa vida a que o libertino tem tanto apego não significa nada, e que não se arrisca nada em apostá-la. A diminuição do apego aos prazeres mundanos a partir de uma vida cristã deve então vir antes de qualquer julgamento, pois possibilitaria ao incrédulo julgar de maneira menos passional. Que eles “pelo menos procurem conhecer a religião que combatem, antes de

combatê-la” (PASCAL, 1984, fr 194/427 e 432, p. 84). Pascal não quer uma mudança de crença quanto à possibilidade ou impossibilidade da existência divina, mas antes de tudo uma mudança prática do incrédulo que na vida cristã possa julgar melhor a aposta, possa de fato apostar, uma vez que seria liberto de paixões que o fazem resistir a tomar a decisão mais razoável.

Quando Gilles Deleuze em *Nietzsche e a filosofia* discorre acerca das diferenças entre a aposta segundo Nietzsche e segundo Pascal, descreve como este último busca na aposta algo muito distinto do “lance de dados” nietzschiano: na aposta, Pascal não pretende afirmar o acaso, mas a partir da análise de probabilidades julgar as chances de perda e de ganho (DELEUZE, 2001, p. 57-59). Nesse sentido, Deleuze considera inútil julgar se a aposta teria um caráter teológico ou apenas apologético, já que ela não pretende (e não julga possível) atestar a existência ou não de Deus. Trata-se de uma “aposta antropológica” que diz respeito a dois modos de existência do homem: aquele que acredita e aquele que não acredita. Pelo conceito de aposta podemos verificar quanto Nietzsche e Pascal tornam-se distantes. A aposta de Pascal está fundada em um ideal ascético de negação e desvalorização dessa vida. Aquilo que ele julga pouco ao apostar, a saber, essa vida finita, é aquilo que para Nietzsche nunca devemos negar, nem apostar contra um ideal de uma outra vida ou mesmo guiá-la segundo uma moral que impeça o exercício de suas potências, mas afirmar em toda sua dimensão, e este é o sentido da aposta nietzschiana: a afirmação do acaso no jogo como lance de dados.

Contudo, tudo acontece como se ambos, Pascal e Nietzsche, fornecessem uma resposta prática a uma questão que pode uni-los de maneira muito interessante: como viver ao lidar com a experiência marcante da finitude da existência humana? As respostas serão claramente distintas: uma guiando o homem a realizar a aposta que parece mais razoável e rentável e imbrica arriscar os prazeres dessa vida pela possibilidade de infinita felicidade em uma vida posterior, outra a apostar de forma a buscar o acaso, sem pretensão de nenhum ganho além daqueles presentes nesta vida, afirmada na felicidade e infelicidade. Ambas as respostas se apoiam em teorias complexas (teologia agostiniana, doutrina do eterno retorno etc.) que não poderiam ser suficientemente elaboradas aqui, mas o notável é a maneira pelo qual o caráter prático surge como necessidade urgente perante um claro desamparo metafísico, sintoma conhecido da experiência moderna.

Lebrun considera Pascal um antimetafísico por excelência, discordando de Nietzsche que julga que Pascal fora uma alma forte quebrada pelo cristianismo: ele não busca uma verdade suprema ou primeira, assim como não julga possível conhecer Deus pela razão. Será o pragmatismo a fórmula secreta que une Pascal a Jesus Cristo? Existe certo pragmatismo no argumento pascaliano na medida em que a urgência da aposta nos compele a seguir a doutrina cristã antes de se ter a fé, ao invés do caminho que seria aparentemente mais óbvio de se ter fé e posteriormente seguir a doutrina. Na desvalorização da vida mundana, o incrédulo pode abrir caminho para o amor de Deus, pois nenhum amor, seja ele a si próprio ou aos prazeres da vida carnal, deve ser superior ao amor a Deus. Só assim a religião pode tornar-se amável e Jesus Cristo representar o caminho.

O argumento da Aposta pode ainda parecer ser uma escolha utilitarista de um homem que tem a fé em Deus somente por medo de danação. Pascal nos mostra que de fato não é disso que se trata, a razão só é capaz de levar-nos ao ponto de livrar-nos daquilo que nos impede de conhecer Deus: ela demonstra nosso apego ao finito, e mais do que tudo, nos demonstra que, livre dele, podemos buscar conhecer e amar a Deus. A razão demonstra nossa própria condição miserável. Nesse sentido, a apologia de Pascal pretende fazer ao incrédulo uma demonstração de sua condição e o convida à procura de Deus como a possibilidade do bem verdadeiro. Nossa reconciliação com Deus é a reconciliação com o infinito, única forma de sair da miséria dessa forma insuficiente para a graça da completude divina.

Se uma apologia da religião cristã tem como pretensão defender sua doutrina, estimulando por argumentos racionais que os não cristãos julguem razoável seguir os seus ensinamentos, o que Pascal realiza no argumento da Aposta é a apologia no sentido mais preciso. Longe de querer estabelecer uma certeza em relação à existência, a razão na argumentação pascaliana apresenta a justificativa da aposta na religião cristã como aquela que pode trazer mais bem e verdade para a existência humana, exigindo do incrédulo não mais que o empenho e a fé. Por meio da utilização da probabilidade como forma de melhor guiar as escolhas humanas quando há possibilidade de ganhos e perdas, somos todos levados com Pascal a considerar de fato razoável e rentável a aposta na existência divina.

**REASON AND APOLOGETIC ON THE PASCAL'S WAGER ARGUMENT**

**Abstract:** The fragment entitled *Infinity*, where we find the famous Wager's argument, is perhaps the fragment that best sums up the meaning of the apologia that Pascal intended to accomplish in *Thoughts* and how he uses reason to guide the unbeliever to pursue the Christian faith. The reason seems only to provide a practical guide to man. Unable to determine with certainty the divine existence, Pascal intends to demonstrate by means of calculation of probability that the Christian commitment is the most reasonable and profitable choice to the unbeliever. Thus, Pascal's argumentation seeks to ensure that the unbeliever does all he can to acquire faith, in case of being among God's designs to infuse this grace.

**Keywords:** Pascal, reason, apologetic, wager, probability.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DELEUZE, G. (2001). *Nietzsche e a filosofia*. Porto: Rés-Editora.

GOUHIER, H. (2005). *Blaise Pascal: conversão e apologética*. São Paulo: Discurso Editorial.

LEBRUN, G. (1983) *Blaise Pascal*. São Paulo: Brasiliense.

LEOPOLDO E SILVA, F. (2001). *Fé e Razão na Apologia da Religião Cristã de Pascal*. Cadernos de História e Filosofia da Ciência (UNICAMP), Campinas, v. 11, n.1, p. 29-44, 2001.

OLIVA, L. C. G. (2012). *A noção de graça em Blaise Pascal*. Cadernos Espinosanos (USP), v.26, p. 25-46.

PASCAL, B. (1984). *Pensamentos (Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Recebido em 23/07/2014. Aceito em 10/12/2014.